

**PRÁTICAS DE LAZER DE/PARA ESTUDANTES TRABALHADORES:
NARRATIVAS DE JOVENS CONTEMPORÂNEOS**

LEISURE PRACTICES OF/ FOR WORKING STUDENTS: NARRATIVES OF
CONTEMPORARY YOUNG PEOPLE

PRÁCTICAS DE OCIO DE LOS/PARA ESTUDIANTES TRABAJADORES: NARRATIVAS DE
JÓVENES CONTEMPORÁNEOS

Ivanês Zappaz¹

Manuscrito recebido em: 11 de janeiro de 2023.

Aprovado em: 16 de julho de 2023.

Publicado em: 27 de agosto de 2023.

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar as narrativas dos alunos do Ensino Médio noturno de uma escola pública, em Garibaldi-RS, sobre suas práticas de lazer. A pesquisa adota como referência teórica os Estudos Culturais em Educação e os Estudos sobre Lazer, além de empregar metodologias de cunho etnográfico. A partir desses fundamentos, busca-se problematizar a compreensão da escola como espaço de lazer na vida dos jovens, assim como o uso do telefone celular como forma de entretenimento e sua associação com as possibilidades de práticas de lazer. Essa análise contribui para uma melhor compreensão do cotidiano dos jovens, além de fornecer possibilidades de conhecimento para possível desenvolvimento de políticas públicas relacionadas ao tema.

Palavras-chave: Juventude; Escola; Lazer; Trabalho; Aparelho Celular.

Abstract

This research delves into the narratives of nocturnal high school students attending a public school in Garibaldi-RS, exploring their engagement in leisure activities. Drawing upon the frameworks of Cultural Studies in Education and Leisure Studies, coupled with ethnographic methodologies, the study endeavours to critically examine the perception of school as a leisure realm in the lives of adolescents. Furthermore, it investigates the role of cell phones as a source of amusement and its correlation with potential leisure pursuits. Through this analysis, a more comprehensive understanding of the daily experiences of young individuals is fostered, while also offering insights valuable for informing prospective public policies pertaining to this domain.

Keywords: Youth; School; Leisure; Work; Cell Phone.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo analizar las narrativas de los alumnos del Bachillerato nocturno de una escuela pública, en Garibaldi-RS, acerca de sus prácticas de ocio. La investigación adopta

¹ Doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Educação pela Universidade Luterana do Brasil. Professor na Rede Municipal de Carlos Barbosa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8388-2835> E-mail: ivanieszappaz@gmail.com

como referencia teórica los Estudios Culturales en Educación y los Estudios acerca del ocio, además de emplear metodologías etnográficas. A partir de estos fundamentos, se propone problematizar la comprensión de la escuela como un espacio de ocio en la vida de los jóvenes, así como el uso del móvil como una manera de entretenimiento y su asociación con las posibilidades de prácticas de ocio. Este análisis contribuye para una mejor comprensión de la vida cotidiana de los jóvenes, además de proporcionar posibilidades de conocimiento para el posible desarrollo de políticas públicas relacionadas con el tema.

Palabras clave: Juventud; Escuela; Ocio; Trabajo; Aparato Móvil.

Primeiras palavras

Os estudos acadêmicos sobre a juventude têm se destacado nas últimas décadas, principalmente ao analisar as práticas culturais e os modos de vida dessa parcela da população. Nesse sentido, este estudo pretende contribuir para o entendimento das práticas de lazer dos alunos do Ensino Médio noturno em uma escola pública de Garibaldi-RS, enfocando suas narrativas e perspectivas. Para tanto, são utilizados os Estudos Culturais em Educação e os Estudos sobre Lazer como referenciais teóricos, na compreensão das práticas sociais e culturais dos jovens.

A preocupação com o processo de escolarização dos sujeitos sempre foi tema de inúmeros debates ao longo da história. Tal condição pode ser observada não só pela crescente valorização do capitalismo e meios de produção, como também, e principalmente, pela instituição de um sistema eficaz de controle das massas. O processo educacional, que aponta para a potencialização do mercado de trabalho como forma de sucesso na vida e a submissão ao sistema social vigente, despreza as possibilidades de produção criativa e autônoma, limitando o desenvolvimento de uma sociedade mais crítica, justa, solidária e, por consequência, conhecedora de seus direitos e deveres.

Nesta linha de raciocínio, Veiga-Neto (2003, p. 111) afirmou que a escolarização da educação teve um papel importante quando:

[...] funcionou como uma imensa maquinaria encarregada de fabricar o sujeito moderno. Foi principalmente pela via escolar que a espacialidade e a temporalidade modernas se estabeleceram e se tornaram hegemônicas, de modo que elas funcionaram como uma das condições de possibilidade – e talvez a mais importante delas - da ascensão da burguesia e do sucesso da lógica capitalista – primeiro no Ocidente e, depois, na maior parte do mundo.

Hébrard (2000) nos lembra também que até os anos 1970, as escolas eram dispositivos teoricamente simples, e que serviam para transferir os conhecimentos entre as gerações. No entanto, continua o autor, essa situação de simples transferência de conhecimentos, não encontrou mais sustentação desde então, pois os sujeitos que frequentam a escola nos dias atuais não são simplesmente depositários de conhecimentos, nem desprovidos destes. Vale destacar que as configurações das necessidades e desejos introduzidos na escola, principalmente pelos jovens estudantes, não são mais fixas e constantes, sofrem a permeabilidade de tudo o que acontece à sua volta e cada vez mais de maneira instantânea e acentuada.

Os jovens de hoje vão à escola para viverem uma cultura que é própria deles e não aquela que continua a ser reproduzida pela escola. De acordo com Dayrell (2007, p. 1125), seria papel da escola problematizar se ainda há espaço para “uma proposta educativa de massas, homogeneizante, com tempos e espaços rígidos, numa lógica disciplinadora, em que a formação moral predomina sobre a formação ética, em um contexto dinâmico, marcado pela flexibilidade e fluidez.” Dayrell nos apresenta as dificuldades de se estabelecer possibilidades de mudanças nos processos educacionais, quando aborda o predomínio de estruturas conservadoras, em detrimento a uma abertura para novas perspectivas. A partir disso, poderia a escola ser pensada como um espaço que favoreça o conhecimento e o reconhecimento da diversidade cultural, integrando e valorizando o protagonismo juvenil, respeitando e aproveitando os saberes trazidos articulando-os com outros que vão se somando.

Desta forma, compreendo que explorar os sentidos e significados das discussões sobre o lazer entre estudantes, que também são trabalhadores, é fundamental para promover a reflexão acerca das complexas relações entre trabalho e sociedade. Além disso, essa abordagem contribui para a transformação dos sujeitos, favorecendo a compreensão da importância da educação para e pelo lazer, bem como para o desenvolvimento da cidadania.

Fundamentação Teórico-Metodológica

A partir de uma revisão de literatura procurei abordar inicialmente os Estudos Culturais em Educação, que enfatizam a importância de compreender as práticas culturais dos alunos e as relações de poder presentes nas instituições educacionais. Em seguida, são discutidos os Estudos sobre Lazer, destacando-se a concepção de lazer como uma prática social e cultural, influenciada por diversos fatores como classe social, gênero, etnia, entre outros. Também é abordada a relação entre lazer e educação, evidenciando como a escola pode ser um espaço de lazer para os jovens.

Neste trabalho, recorte de uma investigação, tenho o objetivo de abordar a escola como espaço de lazer e a relação com o uso do celular por parte de jovens estudante do Ensino Médio, com idades entre 15 e 18 anos, de uma escola pública de Garibaldi-RS, que frequentam a escola no período da noite, tendo em vista que trabalham durante o dia. A partir das considerações dos próprios estudantes pretendo analisar e problematizar a importância do espaço escolar, bem como o uso do aparelho celular em suas vivências de lazer. Entendo que tal condição assume relevância no instante em que tais jovens veem seu tempo livre, aquele geralmente disponível para as práticas de lazer, ser absorvido pelas demandas obrigatórias do estudo e do trabalho, dentre outras, e têm na escola e no celular possibilidades que se aproximam do entretenimento.

Assim, ao observar mais atentamente esse contingente juvenil e estabelecer diálogos acerca de dimensões de suas condições juvenis, tais como suas rotinas de trabalho e estudos, família, amizades, divertimentos, uso do celular, entre outros, torna-se possível compreender mais profundamente as interconexões e influências mútuas entre esses diferentes aspectos de suas vidas. A análise dessas diversas dimensões contribui para uma visão holística da experiência juvenil, permitindo identificar os desafios, conflitos e possibilidades que se entrelaçam em seus cotidianos.

Ao explorar as rotinas de trabalho e estudos dos jovens, é possível compreender as pressões e demandas que enfrentam para conciliar responsabilidades escolares e profissionais, bem como o impacto que essas demandas têm em suas vidas sociais e de lazer. A família desempenha um papel fundamental na formação da identidade juvenil e na configuração de suas práticas de lazer, podendo influenciar tanto nas restrições quanto nas oportunidades de diversão e entretenimento.

As amizades também desempenham um papel crucial na vida dos jovens, pois constituem redes de apoio e afetividade, além de serem espaços de sociabilidade e compartilhamento de experiências de lazer. Assim, compreender socialmente como os vínculos vão se constituindo entre os jovens ajuda a mapear os espaços e tempos de sociabilidade que criam para suas práticas de lazer.

Não obstante, o uso do celular emerge como uma dimensão significativa da vida dos jovens contemporâneos, influenciando suas práticas de lazer de forma marcante. O telefone celular se tornou uma ferramenta multifuncional que oferece acesso a diferentes formas de entretenimento, como jogos, redes sociais, *streaming* de mídia, entre outros. Investigar como os jovens utilizam o celular como forma de entretenimento e sua relação com outras práticas de lazer possibilita compreender as dinâmicas contemporâneas de diversão e apropriação tecnológica.

Ao considerar todas essas dimensões em conjunto, é possível compreender a complexidade da vida dos jovens, bem como a emoção e os desafios que permeiam suas escolhas de lazer. Essa compreensão mais abrangente pode possibilitar a formulação de políticas públicas e práticas educativas que atendam às necessidades e aspirações dos jovens, valorizando suas experiências e promovendo oportunidades de lazer saudável, inclusivo e significativo.

A partir disso, questões que envolviam o pouco tempo livre dos jovens começaram a apontar para o espaço escolar como um potencial articulador de vivências de lazer, tendo em vista a interação social e a diversidade cultural ali existentes. Neste sentido Dayrell (2007, p. 111) acrescenta que “a sociabilidade tende a ocorrer em fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as obrigações, o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer”. Em paralelo a tal constatação, o intenso manuseio de aparelhos de celulares pelos jovens chamou a atenção para as possibilidades de entretenimento que os mesmos poderiam oferecer, haja vista que todos os jovens participantes possuíam o equipamento. Além disso, ao apontarem o tempo disponível para possíveis práticas de lazer como escasso, o aparelho aparecia como um aliado valioso e de fácil acesso em qualquer horário e lugar, como ressaltam Silva e Velozo (2014, p.10) ao ressaltarem que os espaços virtuais “são possibilidades de acesso ao lazer que se destacam pela compressão do tempo e do espaço”.

Vale destacar que este estudo se ampara na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação, em uma abordagem pós-estruturalista, bem como em aportes dos Estudos do Lazer. Em relação aos Estudos Culturais faz-se necessário ressaltar sua importância na Educação desde seu aparecimento – com maior ênfase – a partir dos anos 1950 na Inglaterra, espalhando-se pelo mundo e contribuindo para as discussões de valorização dos saberes pautados por uma cultura democrática, pelo livre acesso à educação, partindo da movimentação de certos grupos sociais que viviam à margem da sociedade (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 37).

Sobre os Estudos do Lazer, os quais entendo estarem intimamente associados aos Estudos Culturais, torna-se pertinente compreender as formas de como se apresentam, suas transformações ao longo da história e inserção na sociedade. De acordo com Melo e Alves Junior (2012, p. 34) a dimensão do Lazer pode ser compreendida como sendo um conjunto de “práticas culturais, em seu sentido mais amplo, englobando também os diversos interesses humanos, suas diversas linguagens e manifestações”.

O debate suscitado até aqui destaca a conversão de compreender a relação entre o espaço escolar, as práticas de lazer dos jovens e o uso do telefone celular como forma de entretenimento. Nesse sentido, as perspectivas dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos sobre Lazer fornecem fundamentos teóricos pertinentes para a análise dessas temáticas.

Os Estudos Culturais em Educação enfatizam a compreensão das práticas culturais dos alunos e as relações de poder presentes no contexto escolar. Ao considerar o espaço escolar como um potencial articulador de vivências de lazer, destaca-se a importância da interação social e da diversidade cultural existentes. A sociabilidade entre os jovens ocorre não apenas nos momentos de intervalo, mas também ao longo do fluxo cotidiano, nos tempos livres e de lazer. Essa perspectiva ressalta a escola como um espaço que vai além das obrigações acadêmicas, permitindo a construção de sociabilidades e experiências lúdicas.

No entanto, é necessário considerar as especificidades da vivência juvenil na contemporaneidade, marcadas pelo intenso alcance de aparelhos de celulares. O uso massivo desses dispositivos pelos jovens aponta para as possibilidades de entretenimento

que eles oferecem. A presença do telefone celular como um aliado valioso e de fácil acesso em qualquer horário e local, se torna particularmente significativo diante do tempo reduzido disponível para práticas de lazer. Os espaços virtuais proporcionam aos jovens acesso ao lazer de forma comprimida, permitindo que eles otimizem seu tempo e ampliem suas opções de entretenimento.

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem etnográfica, que permite uma experiência no contexto dos jovens, por meio da observação participante e das entrevistas individuais e em grupo. Essa abordagem é adequada para compreender as práticas de lazer e o uso do telefone celular, uma vez que proporciona uma compreensão aprofundada das experiências vivenciadas por jovens em seu cotidiano. A pesquisa etnográfica possibilita a captura das narrativas dos jovens, suas identidades, significados atribuídos às práticas de lazer e a relação estabelecida com o telefone celular como ferramenta de entretenimento.

Ao unir as perspectivas teóricas dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos sobre Lazer, juntamente com a abordagem metodológica etnográfica, o estudo busca uma compreensão mais abrangente das práticas de lazer dos jovens, considerando a influência do espaço escolar e do uso do telefone celular. Essa abordagem teórico-metodológica possibilita analisar as dinâmicas contemporâneas de lazer, suas interconexões com outras dimensões da vida dos jovens e suas instruções para a formulação de políticas públicas e práticas educativas.

Sobre Juventude, Escola e Lazer

O conceito de juventude como uma categoria plural, para além das questões etárias, biológicas, psíquicas ou jurídicas encontram sustentação em autores como Veiga-Neto (2000), Dayrell (2003) e Novaes (2006), os quais alimentam a ideia de que a juventude seria fruto da construção social e cultural. A partir disso, contrariando os limites institucionalizados ao longo dos tempos, as fases de vida de crianças, jovens e adultos deixaram de ser algo estanque e as marcações etárias passaram a ser construídas socio culturalmente, permeadas por mobilidades, inseguranças e instabilidades.

Segundo Dayrell (2003, p. 41) a juventude é “vista como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade.” O autor vai além e acrescenta que as instituições socializadoras, tais como o trabalho, a escola e, principalmente, a família, não conseguem mais sustentar-se como espaços impulsionadores e importantes para os jovens hoje. Tal condição apresenta a complexidade que abarca toda e qualquer discussão acerca da juventude, as angústias, as incertezas, as pressões e imposições da sociedade.

Ante a crise que envolve o sujeito jovem na atualidade, a escola, enquanto instituição socializadora, é apresentada por Dayrell (2007, p. 1118) “como um espaço peculiar que articula diferentes dimensões. Institucionalmente, é ordenada por um conjunto de normas e regras que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos”. Não há como negar a importância da escola, suas possibilidades de interação e reflexão sobre as mais variadas condições humanas, bem como de produção e inter-relação de diferentes saberes torna este espaço único. No entanto, Veiga-Neto (2003, p. 110-111) ao procurar situar a escola no mundo, assevera que esta não acompanhou as mudanças rápidas e contínuas por que passa o mundo, reconhecendo a partir disso, um descompasso que acaba sendo sentido como uma crise.

Deste modo, a partir da crise da juventude trazida por Dayrell e da crise da escola apontada por Veiga-Neto partimos agora para algumas considerações acerca do lazer. De acordo com Melo e Alves Junior (2012) o lazer pode ser compreendido como sendo vivências decorridas no tempo livre, agregando-se o prazer que tais vivências podem possibilitar para aqueles que as realizam. Assim, é possível compreender que o lazer seria as atividades providas de diversão e/ou satisfação, além de serem desenvolvidas fora das obrigações rotineiras, no caso com o trabalho, estudo, família, sociais etc (MARCELLINO, 2006).

No entanto, há de se observar que o lazer, no contexto aqui abordado, sofre interferência significativa das obrigações de trabalho e da escola, contribuindo assim, para espremer ainda mais os raros momentos de tempo livre desses jovens, que poderiam ser dispensados para atividades prazerosas e/ou descompromissadas.

Assim, indo ao encontro do pouco tempo livre, a conectividade, mais precisamente, o uso do celular, acomodou-se com intensa facilidade nas mãos – e na vida – desses jovens. T tamanha é sua funcionalidade que o celular hoje rompe as fronteiras de conexões, necessidades, visibilidades e entretenimento conforme aponta Moraes (2008, p. 125):

O telefone celular coloca o sujeito como um ponto permanente de múltiplas conexões com outros sujeitos e com informações que gravitam ao seu redor. Eliminando as fronteiras espaciais e abolindo os limites temporais, o celular torna-se um elemento agregador ao possibilitar um estado de conexão onisciente e personalizado.

Assim sendo, é possível imaginar que para além da conectividade, há o entendimento de que as possibilidades de lazer encontram no uso do celular condições reais, instantâneas e múltiplas, tais como jogos, músicas, vídeos, informações, além de tudo o que a internet pode proporcionar, podendo “ser feito de qualquer lugar, da rua, da casa, do trabalho, do bar, da escola, e a qualquer hora do dia, em qualquer dia da semana” (ZAPPAZ, 2020, p. 149).

Espaços e tempos do/para lazer na escola e sua (não) fluidez

Marcellino (2006, p. 30) aponta para os espaços escolares como boas possibilidades para o lazer, tais como “quadras, pátios, auditórios, salas etc. [...] seus períodos de ociosidade, em férias e finais de semana, e a existência de vínculos com a comunidade próxima”. Embora o autor ressalte os possíveis vínculos comunitários, observar as possibilidades de lazer na escola, a partir das questões apontadas, nos leva a percebê-lo de uma maneira um tanto superficial, pois acaba por enfatizar as funcionalidades das estruturas existentes e analisá-lo desprovido de reflexões. Desta forma, é preciso imaginar a escola para além de suas estruturas estáticas – sejam físicas ou curriculares – e concebê-la a partir de um ambiente de múltiplas manifestações e produções culturais, de acordo com o que sustenta Candau (2014, p. 40) ao inferir que “nesta perspectiva, a escola é concebida como um centro cultural em que diferentes linguagens e produtos culturais estão presentes, de uma maneira direta ou indireta”.

Não raramente questões acerca do lazer na escola acabam sendo delegadas ao componente curricular Educação Física e ficam restritas às condições de jogos e recreação, bem como às atividades físicas e/ou esporte de participação. Tal condição pode ser conferida no próprio documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997, p. 25):

O lazer e a disponibilidade de espaços para atividades lúdicas e esportivas são necessidades básicas e, por isso, direitos do cidadão. Os alunos podem compreender que os esportes e as demais atividades corporais não devem ser privilégio apenas dos esportistas ou das pessoas em condições de pagar por academias e clubes. Dar valor a essas atividades e reivindicar o acesso a elas para todos é um posicionamento que pode ser adotado a partir dos conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física.

Por outro lado, certo alento é trazido pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC, quando adentra em um campo mais complexo ao referir-se sobre a temática do lazer, embora não se atenha efetivamente em uma aplicação prática (BRASIL, 2018, p. 52):

Tratar de temas como o direito ao acesso às práticas corporais pela comunidade, a problematização da relação dessas manifestações com a saúde e o lazer ou a organização autônoma e autoral no envolvimento com a variedade de manifestações da cultura corporal de movimento permitirá aos estudantes a aquisição e/ou o aprimoramento de certas habilidades. Assim, eles poderão consolidar não somente a autonomia para a prática, mas também a tomada de posicionamentos críticos diante dos discursos sobre o corpo e a cultura corporal que circulam em diferentes campos da atividade humana.

Desta forma, ao amparar-nos em documentos oficiais, torna-se perceptível a superficialidade com que a temática do lazer é tratada no ambiente escolar. Tal situação fica ainda mais evidente ao levarmos em conta que estamos falando de um público jovem de trabalhadores que estudam à noite, e que teriam uma ampla potencialidade de usufruir, bem como de contribuir com questões que poderiam relacionar trabalho, escola e lazer, ou seja, sobre suas próprias condições de vida.

Deste modo, as abordagens realizadas nesta pesquisa são analisadas a partir de categorias temáticas emergentes das narrativas dos alunos, como o uso do telefone celular como forma de entretenimento, a relação com a escola como espaço de lazer e as influências socioculturais nas práticas de lazer. A partir dessas categorias, são problematizadas questões como a precariedade das condições de lazer dos jovens, a

desigualdade social que afeta suas possibilidades de lazer e as formas de resistência e criação de alternativas de lazer. Assim, ao transitar por este meio juvenil, não foram raros os momentos em que falas interessantes fossem destacadas pelos jovens, como os exemplos que seguem:

“[...] na Educação Física dá para brincar um pouco [...] se não tivesse escola a gente não tinha amigos, vai conhecendo mais pessoas, é bom vir à escola.”

A partir do que nos dizem os jovens é possível compreender o componente curricular de Educação Física como uma das poucas situações que diferem da estrutura engessada da escola. No entanto, percebe-se que o componente assume uma condição recreacionista, de ser o ponto de equilíbrio a contrapor a tensa rotina de trabalho e estudos, dentre outras obrigações com a família, a igreja e cursos técnicos, de acordo com seus relatos. Desta forma, perde a Educação Física oportunidade interessante de ultrapassar a barreira do brincar para uma ação reflexiva acerca da temática que envolve o lazer, e sobre o próprio brincar, haja vista a importância que a mesma assume no ambiente escolar. Entretanto, apesar da possibilidade mais próxima que o componente tem de dialogar com os jovens, também tem contra si, por vezes, o curto espaço de tempo, as precárias condições estruturais e de equipamentos, fazendo com que os estudantes sintam-se no direito de aproveitar ao máximo, as mínimas condições que lhes são oferecidas, o que contribui para a pouca ressonância reflexiva que a Educação Física poderia oferecer.

Por outro lado, é notória a importância que a Educação Física apresenta na rotina desses jovens, no instante em que nos raros momentos de sua prática sejam vivenciados como possibilidades de lazer, de acordo com o que acrescenta Carrano (2003, p. 140) ao lembrar que “os lazes são vividos pelos jovens como uma oportunidade de afrouxamento ou suspensão das tensões impostas pelos processos de regulação moral e da denominada educação civilizante”. Nesta perspectiva, é preciso reconhecer que tal componente curricular, se comparado aos demais e a despeito das limitações, cumpre papel importante no ambiente escolar, pois além do relaxamento das tensões diárias, também atua como potencial fator de socialização.

Vale lembrar que, para além da Educação Física, a escola é marcada pelos jovens como um ambiente socializante, ao ser identificada como um local que proporciona conhecer mais pessoas e de se fazer amigos. Dayrell (2007, p. 1111) aponta que “a sociabilidade tende a ocorrer em fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as obrigações, o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer”. De acordo com Dayrell, a sociabilidade acontece nos mais variados tempos e espaços e quando os jovens aqui referidos destacam a importância da escola como elo socializador, tal condição vai muito além da sala de aula ou das aulas de Educação Física, mas dá-se no “ir-e-vir”, nos intervalos, na presença ou ausência dos professores, bem como em momentos de acatar ou contrapor-se a alguma regra.

Ao lembrar que esses jovens transitam por esferas do trabalho e da escola, e mesmo que a escola seja lembrada pelo aspecto social, há de se destacar a atribuição negativa que tais espaços recebem como pode ser conferido nas falas que seguem:

“só uso (celular) na escola, pois no trabalho não dá, aí é whats, face [...] escola é bom, só que deveria ter mais atividades diferentes, sala de jogos, sair para fazer visitas [...] tem às vezes que o quadro está cheio de matéria, tem que copiar, ficar lendo, e estamos cansados.”

Primeiramente podemos perceber que, a exemplo da Educação Física em relação aos demais componentes curriculares, a escola também assume uma condição de “afrouxamento” em relação ao trabalho. Tome-se por base a rigidez existente no ambiente de trabalho, onde a necessidade de dar conta das obrigações – diga-se, produção – bem como a preocupação em manter o emprego, torna o espaço mais sério e inflexível, sendo as relações de poder mais evidentes e respeitadas. Dayrell (2007, p. 1109) salienta que “a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantindo o mínimo de recurso para o lazer, o namoro ou o consumo” e que o mundo do trabalho confere a esta condição uma intermediação efetiva e simbólica. Isso explica, provavelmente, a importância de se manter uma postura no ambiente de trabalho e outra no ambiente escolar, em relação ao uso do celular, por exemplo. Dessa forma, podemos dizer que é por conta do trabalho que esses jovens se inserem no mercado de consumo, garantem suas condições de adquirir bens materiais e participar da vida social. De outro modo, não quero aqui dizer que as relações de poder não se manifestem e não são cumpridas na escola, no entanto

é compreensível que as mesmas assumam uma tendência mais flexibilizada se comparadas com trabalho.

Sobre o que dizem os jovens em relação à escola, voltamos a nos amparar em Veiga-Neto (2003, p. 110) quando diz que a escola “está cada vez mais desencaixada da sociedade” e que por conta disto passa por uma crise. Ao se referirem às “poucas atividades diferentes”, o “quadro cheio” e fato de “copiar”, estes jovens vão ao encontro do que nos mostra Veiga-Neto, além de reforçar o caráter socializador da escola, que ganha ainda mais importância, em detrimento ao conhecimento e aprendizado. Soma-se a isto o fato de os jovens lembrarem que “estão cansados”, o que é de certa forma compreensível, haja vista que eles chegam na escola à noite, depois de um dia de trabalho, uns possivelmente, vindos direto de seus afazeres, sem terem se alimentado, nem mesmo trocado de roupas. Tal condição não exime que as tarefas escolares tenham que ser mais brandas ou flexíveis. No entanto, de acordo com o que relatam os jovens, é possível vislumbrar certa negatividade, em virtude das imprecisões proporcionadas pelas limitações do que lhes é oferecido na escola, e que tais limitações não demandam sentido em relação às práticas e atividades realizadas.

“ quando enchem o quadro de matéria aí vou fazer outras coisas, mexer no celular [...] celular é importante, a gente vicia, mas tem a coisa boa e ruim, tem que saber usar, na sala não dá, uso o celular pra várias coisas, cursava inglês pelo celular, lia livro [...] uso pra fazer pesquisa também, depende como tu usa”

As narrativas que seguem revelam que há uma relação tênue entre a escola e o celular, e que o aparelho é um fenômeno que perpassa e se articula pelas mais variadas situações. Ao reforçar a falta de sentido que a escola tem na rotina desses jovens, o celular é apontado como um dos refúgios possíveis para a distração diante de algo que se torna tedioso. Por outro lado, a referência de que o celular assume para cada sujeito, sentidos e significados diversificados ficou evidente na sequência do diálogo. Se por vezes o celular é compreendido como um fator de atrito rotineiro no ambiente escolar, também é fato que o aparelho tem a seu favor condições que o associam ao uso consciente. Em suas narrativas pode-se identificar uma sinalização para a preocupação com o que o celular pode vir a se tornar: “um vício”, mas que se bem dosada, sua utilização pode oferecer inúmeros benefícios, como ser uma boa fonte de estudos e informações relevantes.

Tais considerações, produzidas por jovens nos faz pensar sobre o modelo de juventude socialmente construído, que segundo Dayrell (2003, p. 41) seria o de “analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de ser jovem.” Desta forma, o que ouvimos de alguns jovens vai de encontro a tal perspectiva, no instante em que é preciso despir-se de julgamentos culturalmente naturalizados e considerar formas outras de analisar as condições juvenis.

O fato hoje é que alinhar o uso dos recursos e tecnologias proporcionadas pelo celular ao ambiente escolar tornou-se uma necessidade e, afastando-se de sentidos e significados pessoais e sociais, é imprescindível que o mesmo seja tratado como um aliado e não como empecilho. E tendo em vista a inserção que assume na vida das pessoas, “por motivos óbvios, os jovens abraçam essas novidades e se envolvem com elas de maneira mais visceral e naturalizada” (SIBILIA, 2012, p. 51).

“quando estou sozinho, o celular é minha companhia, bate-papo [...] diversão é ficar na internet, no celular [...] faço o que quiser no celular, ouvir música, internet, falando com alguém, mexendo [...] mexo no celular em todo o lugar [...] a internet é ruim, quando tem (na escola)”

Nos depoimentos que seguem, tem-se o entendimento de que o aparelho celular e a internet se confundem, ou seja, um não vem separado de outro. Tal condição nos leva a crer que a dependência de (boas) redes de internet é algo indispensável, quando a referência sobre sua qualidade é questionada na escola, por exemplo. Isso mostra que apesar de todos os jovens participantes do estudo possuírem aparelho celular, nem todos tem acesso a bons planos de internet, o que faz com que o ambiente escolar se torne ainda mais importante por possibilitar este serviço, visto que um celular sem internet de qualidade tem seus recursos extremamente limitados. Desta forma, ao enaltecer o celular (com boa internet) como “companhia, bate-papo, diversão, música”, torna-se imaginável a hipótese de que sua organização, em torno de tudo o que sua conectividade possa oportunizar, incorpora o aparelho nos sentidos do lazer e do entretenimento, a partir da palma da mão.

Vale lembrar que a narrativa de “mexer no celular em todo o lugar”, associada à fluidez do uso do celular, aponta para a conciliação do pouco tempo livre desses jovens com novas possibilidades de lazer, na medida em que, para além da socialização (compreende-se uso de redes sociais), há toda uma gama de alternativas de entretenimento, conquistados a qualquer hora e de qualquer lugar, ao simples toque dos dedos. Essa condição encontra eco nos dizeres de Dayrell (2007, p. 1111), quando este refere que os fluxos cotidianos, sejam eles nos mais variados tempos e espaços, favorecem a sociabilidade.

Considerações finais

Em síntese é válido destacar a importância de compreender as práticas de lazer dos alunos do Ensino Médio noturno como forma de conhecer e elevar seus cotidianos, além de subsidiar a formulação de políticas públicas mais efetivas nessa área. Afinal, quais as ofertas que têm em seus raros tempos livres? A partir da análise das narrativas dos jovens é possível visualizar as limitações e possibilidades presentes em suas realidades, evidenciando a importância de promover espaços e tempos de lazer inclusivos e acessíveis. Além disso, uma reflexão sobre a relação entre escola e lazer contribui para repensar as práticas pedagógicas e formas de como uma instituição educacional pode ser um espaço (reflexivo) de lazer para os jovens.

Martín-Barbero (2014, p. 10) adverte que estamos passando de “uma sociedade com sistema educativo para uma sociedade educativa [...] cuja rede educativa atravessa tudo: o trabalho e o ócio, o escritório e o lar, a saúde e a velhice”. Com base nesta colocação é possível compreender que o conhecimento e a aprendizagem não são mais exclusividade da escola, como lembra Hébrard (2000) no início deste artigo.

Partindo do propósito de se alcançar valores educacionais compatíveis com uma perspectiva emancipatória e de superação das desigualdades sociais, faz-se necessário que a escola assuma um papel de intermediar a reflexão de sentidos e significados predominantes acerca das práticas e possibilidades de lazer na sociedade. Tal condição vai muito além de apenas observar os espaços de lazer no entorno da escola, eventos festivos

e jogos vivenciados pela comunidade escolar. Deve questionar as políticas públicas de investimentos e ações proporcionadas pelos governos, onde e como tais políticas envolvem os diversos segmentos sociais, quais as transformações sociais que determinadas manifestações de lazer promovem na sociedade, confrontar os pacotes fechados, midiáticos e consumistas de lazer defendidos pela cultura dominante.

As discussões, no entanto, não podem ficar restritas aos conteúdos da Educação Física, pelo fato reducionista de colocar o lazer como penduricalho do esporte – nem de tratar a Educação Física como esporte, somente – mas devem permear um efetivo trabalho interdisciplinar. Afinal, não é da interdisciplinaridade que todos os documentos gostam de referir? Ao se discutir o lazer temos a possibilidade de articular os mais variados temas, tais como o trabalho, a educação, o transporte, o turismo, a cidade, a moradia, a conectividade, o acesso a bens materiais e imateriais, ou seja, temas que podem dialogar com todos os componentes curriculares, estruturas e instituições.

Além disso, é necessário se aprofundar em questões que abordem a escola como forte propulsora não só de discussões, como já referimos, mas como próprio espaço possível de lazer, tendo em vista sua capacidade de socialização. Ainda, não deixar de reconhecer o celular como algo já introjetado no ambiente escolar, mas suas utilidades e possibilidades que giram não somente como fonte informativa, mas que permeiam ademais o entretenimento e o lazer.

Assim sendo, ao entendermos que as abordagens acerca do lazer podem propiciar transformações de estruturas e princípios, é importante que a escola passe a não mais negligenciar tal relevância na sociedade, buscando compreender melhor seus modelos tradicionais com vistas a transcender os mecanismos que a cerca e que reproduz. Logo, ao compreendê-lo, experimentá-lo e transformá-lo a partir da escola, o lazer tenderia a ser valorizado e reinventado nas suas mais variadas formas de manifestação, sejam elas presenciais ou virtuais, mais elaboradas ou simplesmente dedilhadas.

Por fim, no anseio de ter contribuído para reflexões nesse campo, destaco a importância de pesquisas mais consistentes, buscando aprofundar a compreensão das práticas de lazer e sua relação com a juventude contemporânea, principalmente a que pertence à classe estudantil trabalhadora.

Referencias

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc-etapa-ensino-medio>. Acesso em: 8 jan. 2023.

BRASIL. **Parâmetros Curricular Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

CANDAUI, V. M. F. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação**, v.37, n.1, p.33-41, 2014.

CARRANO, P. C. R. **Juventudes e Cidades Educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. M. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n.23, p.36-61, 2003.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v.28, n.100, p.1105-1128, 2007.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n.24, p.40-52, 2003.

HÉBRARD, J. O objetivo da escola é a cultura, não a vida mesma. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 6, n. 33, p. 5-15, maio/jun. 2000.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do Lazer**: uma introdução. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. 2 ed. Barueri: Manole, 2012.

MORAES, A. L. **Disciplina e controle na escola**: do aluno dócil ao aluno flexível. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2008, p. 125.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (org.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p.105-120

SIBILIA, P. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, C. L.; VELOZO, E. L. Apontamentos sobre as práticas culturais como manifestação de lazer na contemporaneidade. **Revista Impulso**, v.24, n.61, p.7-16, 2014.

VEIGA-NETO, A. As idades do corpo: (material)idades, (corporal)idades, (ident)idades. In: AZEVEDO, J. C.; GENTILI, P.; KRUG, A.; SIMON C. (orgs). **Utopia e democracia na Educação Cidadã**. Porto Alegre: ed. UFRGS/ Secretaria Municipal de Educação, 2000.

VEIGA-NETO, A. Pensar a escola como instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade. In: COSTA, M. V. **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 103-126

ZAPPAZ, I. **Juventudes contemporâneas e práticas de lazer**. Curitiba: Appris, 2020.